



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

AVALIAÇÃO MEDIADORA: RESSIGNIFICANDO O PROCESSO DE AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rúbia Emmel, UNIJUÍ

Alexandre José Krul, UNIJUÍ

RESUMO: Este recorte de pesquisa em educação tem por objetivo refletir sobre algumas proposições da avaliação mediadora. Partindo de leituras e reflexões feitas acerca de algumas obras de Jussara Hoffmann sobre avaliação. Considerando que a avaliação no sistema escolar brasileiro vem sendo alvo de inúmeras críticas da sociedade, pois conforme Hoffmann (2009a) esta é vista pela sociedade como um resultado mensurável em educação. A autora critica a forma de avaliação que resulta somente em uma nota, e propõem que se vá além por meio da mediação. Assim sendo, na dimensão da avaliação mediadora reconstruem-se as práticas avaliativas por meio de ações reflexivas e compromissos inerentes à ação de educar. O professor repensa sua prática constantemente e reconstrói o seu fazer pedagógico.

Palavras-chave: Avaliação Mediadora. Formação de Professores. Educação Básica.

Introdução

Este estudo pretende repensar o ato avaliativo na escola de educação básica, uma vez que em nossa realidade percebemos que a maioria das escolas exerce avaliação classificatória, não indo além da ação simplista “de verificação” da aprendizagem dos alunos.

A proposta está em compreender verdadeiramente “o sentido da avaliação na escola” (HOFFMANN, 2009a, p.19), para que então os professores possam repensar o “como fazer” a avaliação de forma mais coerente. A avaliação classificatória presente nas escolas, que tem como resultado a nota pode ser considerado um elemento tácito, uma vez que quando colocado em xeque uma “rede de segurança” (HOFFMANN, 2009a, p.20) é constituída não somente pelos professores, mas por toda a sociedade, pois o sistema tradicional está sustentado pela realização de provas obrigatórias e atribuições de notas, e poucos refletem sobre esta prática.

Metodologia



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O trabalho foi realizado através de pesquisa bibliográfica, intencionando refletir sobre teorias e conceitos, conhecer e ampliar a discussão acerca da temática avaliação mediadora. Com base nas diversas abordagens bibliográficas e estudos realizados nos últimos anos, a avaliação vem sendo pesquisada no contexto brasileiro por inúmeros autores. Neste estudo destacamos algumas obras de Jussara Hoffmann, a qual propõe uma avaliação mediadora, que constitui objeto de reflexão deste estudo.

Resultados e Discussões

Para Hoffmann (2009a) o significado da avaliação entre os educadores configura-se em um mito; considerando que autora realizou um estudo com professores sobre a relação da avaliação com personagens e imagens. As pessoas são capazes de imaginar explicações mitológicas quando não possuem uma ideia racional sobre algo. Na história da humanidade temos a presença influente dos mitos na sociedade grega pré-filosófica, onde foram criados vários deuses para explicar relações humanas e fenômenos da natureza. Os atos dos deuses são relatos fantásticos de seus poderes. Para Aristóteles apud Abbagnano (2000, p. 673) o mito “às vezes é oposto a verdade, mas outras vezes é a forma aproximativa e imperfeita que a verdade assume [...]”. A avaliação encarada como algo que tem um poder de ajuizar sobre algo, de acordo com uma leitura geralmente de caráter subjetivo (do avaliador), ou como Hoffmann designa “registros anacrônicos” (2009b, p.15).

A autora apresenta estes fatos para argumentar sobre a hipótese de que a avaliação, hoje, é um fenômeno indefinido, uma razão de controvérsia, entre alunos e professores. A avaliação na escola pode ser considerada classificatória “quando se resume unicamente a dar notas, fazer provas e registrar as notas, fazendo um ‘juízo de valor’ dos resultados alcançados” (HOFFMANN, 2009b, p.14)

A prática avaliativa concebida como julgamento de resultados baseia-se na autoridade e no respeito unilaterais; “em que o professor exerce um controle permanente sobre o educando, no intuito dele chegar a demonstrar determinados comportamentos definidos como ideais por um professor” (HOFFMANN, 2009b, p.29).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A avaliação mediadora desvincula-se da concepção de verificação de respostas certas/erradas, encaminhando-a num sistema investigativo e reflexivo do professor sobre as manifestações dos alunos (HOFFMANN, 2009b, p.57). Nesta concepção está presente a investigação, a troca de ideias, os questionamentos, a formulação de hipóteses, o desafio e a pesquisa.

Para Hoffmann (2009b) a ação avaliativa, como mediação, se faria presente, justamente, no interstício entre uma etapa de construção de conhecimento do aluno e a etapa possível de produção, por ele, de um saber enriquecido, complementado.

Nesta perspectiva a ação do professor não pode ser limitada a transmitir e corrigir, pois conforme Hoffmann (2009b) não se trata de considerar a avaliação como forma mágica, impulsionadora de saltos mecânicos de um nível de conhecimento a outro. Ao repensar a prática da avaliação, seria importante o professor considerar que: “da educação infantil à universidade, crianças e jovens são constantemente sentenciados por seus comportamentos e tarefas” (HOFFMANN, 2009b, p. 58).

Um caminho possível seria desmistificar a prática da avaliação na educação. Que o professor possa exercer a reflexão nas suas ações, reconhecendo até mesmo as barreiras impostas na instituição escolar para o desenvolvimento desta prática, indo além, reconhecendo os próprios limites e enfrentando-os, repensando suas ações.

Em Hoffmann (2009a) a avaliação mediadora analisa teoricamente as várias manifestações dos alunos em situações de aprendizagem, para acompanhar as hipóteses que vêm formulando a respeito de determinados assuntos, em diferentes áreas de conhecimento, de forma a exercer uma ação educativa que lhes favoreça a descoberta de melhores soluções ou a reformulação de hipóteses preliminarmente formuladas.

Assim cabe repensar a concepção do certo e do errado: “valorizam-se por demais os acertos nas tarefas das crianças e apontam-se os erros, na maioria das vezes, como inaceitáveis, incompreensíveis para o professor” (HOFFMANN, 2009a, p.78). A proposta que autora sugere é trabalhar a partir do erro como um elemento que pode ser o ponto de partida para refletir sobre um determinado assunto, considerando a individualidade e a subjetividade do aluno na construção do conhecimento. Se considerarmos a avaliação a partir do certo parece que todo conteúdo tem uma perfeição



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

e clareza e que o aluno necessita “ouvir e/ou ver um exemplo e já saber fazer ou entender”, se isto não acontecer o resultado será uma punição de nota baixa.

Na perspectiva da avaliação mediadora os professores questionam determinadas normas e rotinas seculares, como: fichas de avaliação, boletins, cadernetas escolares. “Quando se parte da descoberta do professor, sobre a incoerência de determinados procedimentos é possível, sim, desenvolver uma discussão em torno dos registros” (HOFFMANN, 2009a, p.96). Isso não significa, que enquanto professores, tenhamos que abandonar tais instrumentos, mas sim repensar seu uso; de forma a qualificar o processo de avaliação e não torná-los meros instrumentos quantificáveis.

Para a autora registros entorno dos acompanhamentos dos alunos só podem constituir-se ao longo do processo; sendo inútil tentar descrever o que não se viu, o que não foi trabalhado, uma vez que, se o professor fizer apenas o registro das notas dos alunos nos trabalhos, ele não saberá descrever, após um tempo, quais foram as dificuldades que cada aluno apresentou e até mesmo o que ele fez para auxiliá-lo para compreender aquele aspecto.

Hoffmann (2009c) faz uma análise crítica da avaliação por parecer descritivo, em que se fazem julgamentos padronizados sobre as atitudes da criança, ou ainda, “os procedimentos avaliativos comparativos tendem a determinar níveis classificatórios para aspectos do desenvolvimento das crianças” (p.62).

Porém, a autora sugere uma nova perspectiva de avaliação através de relatórios individuais. Sendo que esses podem configurar-se em “elos significativos entre a percepção do professor e suas intenções pedagógicas, a medida que representam uma ruptura com o cotidiano mecânico e rotineiro, que impede a reflexão” (HOFFMANN, 2009c, p.68).

A escrita não é uma tarefa fácil! Pois nela revelamos, no momento de elaboração dos relatórios, posturas pedagógicas, o nosso saber didático, referenciais teóricos. Para a autora “é compreensível a insegurança de muitos professores em comprometer-se com essa tarefa, pois tradicionalmente parece-lhes que a nota, o conceito, não os denuncia: é do aluno, foi tirada por ele” (2009a, p.97).



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

Também salientamos que os professores não estão acostumados a relatar seu trabalho, pois em outras pesquisas anteriormente realizadas fizemos entrevistas e questionários com professores e o que percebemos é que muitos professores, até mesmo resistem a falar ou escrever sobre o seu trabalho. Para Hoffmann (2009a, p.98) os professores ficam receosos da correção em sua apresentação, parece que carregamos a imagem secular do professor, que domina a grafia de todas as palavras, domina o saber e que, por ensinar, não pode cometer erros.

Destacamos que “os registros de avaliação exigem exercício de descrever e refletir teoricamente sobre as manifestações dos alunos, partindo para encaminhamentos ao invés de permanecer nas constatações” (HOFFMANN, 2009a, p.99).

Mas eis que surgem dúvidas sobre avaliação: “Como se dedicar intensamente a aluno por aluno no contexto de 35 a 40 estudantes falantes, barulhentos, curiosos, por vezes agressivos, desinteressados?” (HOFFMANN, 2005, p.13). Diante da impossibilidade de um olhar individual, muitas vezes o olhar do professor se recai no todo. O olhar avaliativo para Hoffmann (2005) permanece periférico, genérico, circunstancial; uma vez que destaca-se com frequência somente o aluno que pergunta, que participa das atividades, que conversa alto, que se agita na sala. Nas palavras da autora o “todos” é o maior fantasma da avaliação (p.14), “na perspectiva da avaliação mediadora um grande passo seria deixar de ver todos os alunos de uma sala aula para pousar o olhar sereno e tranquilo, em cada um” (id).

Na perspectiva da avaliação mediadora torna-se necessário que o professor assumira outra concepção de tempo, pois conforme Hoffmann (2009d) não há como delimitar tempos fixos para a aprendizagem, porque é um processo permanente e de natureza individual; o que implica reconhecer que a avaliação é um processo de evolução e desenvolvimento:

O processo de aprendizagem do aluno não segue percursos programados a priori pelo professor. É no cotidiano escolar que os alunos revelam tempos e condições necessárias ao processo. O tempo da avaliação é decorrente de suas demandas e estratégias de aprendizagem e não do curso das atividades inicialmente previstas pelos professores (HOFFMANN, 2009d, p. 41).

Parafraseando a autora cabe ao professor compreender que o tempo do aluno que precisa ser respeitado é o tempo do aprender e de ser; pois conforme a autora mediação



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

é aproximação, diálogo, acompanhamento do jeito de ser e de aprender de cada educando. E neste contexto o tempo não pode ser uma corrida desenfreada para “dar conta dos conteúdos”, mas sim “uma trajetória de conhecimento percorrida num mesmo tempo e cenário por alunos e professores” (HOFFMANN, 2009d, p. 40).

Uma avaliação mediadora implica avaliar para promover a aprendizagem, que demanda um caráter interativo nas relações entre professores e alunos: “num processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber” (HOFFMANN, 2009d, p. 76). Em que o professor se questione: “como se dá a aprendizagem?”, e retome seus estudos sobre as teorias da aprendizagem, para compreender como esta vem ocorrendo nos percursos individuais de cada aluno, e no coletivo. Que o professor ao avaliar promova o protagonismo dos alunos em seu processo de aprender, criando condições para que as aprendizagens sejam significativas para estes.

Conclusão

Ao considerarmos o aluno como sujeito portador de uma história de vida, entendemos que este é único e singular. Hoffmann (2005) sugere que o professor precisa fazer o exercício de aprender a olhar aluno por aluno, conhecendo seu espaço de vida, seus afetos e desafetos, dissonâncias, suas iniciativas, seu fazer de novo, o inusitado. Desta forma o professor otimizaria tempos e oportunidades de aprender.

Uma das propostas de Hoffmann (2005) seria a auto-avaliação, em que o aluno realiza um olhar sobre si mesmo. Dar oportunidade para esse pronunciar seus sentimentos e dificuldades na escola, seria um meio de superar o anonimato dos alunos. Assim não seria somente o professor que faria a reflexão de suas ações em sala de aula, mas também os alunos.

Em Hoffmann (2009b) o sentido original do termo mediação é intervenção, intercessão, intermediação. Seria um ato em que professor e aluno buscam coordenar seus pontos de vistas, trocando ideias e reorganizando-as. A avaliação vai além da verificação de respostas e se dá num sentido investigativo e reflexivo do professor sobre



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

as manifestações dos alunos. Pode-se, assim, observar seriamente se o aluno está aprendendo ou não. O aluno não fica esperando o professor dizer se ele acertou, na expectativa de receber uma medalha ou um parabéns, ou se errou, para frustrar-se com um “vermelho”. Avaliação não pode ser encarada como felicitação ou punição.

Em sua obra “O Jogo Contrário em Avaliação” a autora propõe que realmente passemos a fazer o jogo do contrário, pensando justamente o inverso da realidade que está posta hoje nas escolas sobre avaliação; que possamos fazer a diferença nas escolas e ainda valorizar as diferenças, buscando estratégias pedagógicas para cuidar da aprendizagem de cada um dos alunos. Numa perspectiva de avaliação mediadora passamos a pensar diferente em avaliação, ousando e inventando indo além das críticas sobre as dificuldades ao fazer o jogo do contrário estaríamos fazendo diferente do que sempre se fez. Na dimensão da avaliação mediadora reconstróem-se as práticas avaliativas por meio de ações reflexivas e compromissos inerentes à ação de educar. O professor repensa sua prática constantemente e reconstrói o seu fazer pedagógico.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma prática da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2009a.

_____. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 2009b.

_____. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2009c.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

____. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009d.

____. **O jogo do contrário em avaliação.** Porto Alegre: Mediação, 2005.